
Comunicação é ancestralidade: “encontre o seu caminho de volta, lembre-se de quem você é e se empodere”¹

Sandra Rita de Cássia ROZA²
Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de abordar como a comunicação é uma habilidade aprendida com os nossos ancestrais: mãe, pai, avós e avôs, entre outros familiares. Muitas vezes, são eles que nos inspiram a levá-la em frente como uma profissão. Para esse estudo, será abordada essa relação, a partir da ancestralidade de pessoas negras com continente africano, com *Black is King* (2020), de Beyoncé, como apresento em (Roza, 2022). A fim de aprofundar o debate, autores como (Hernandez, 2013), (Santos, 2016) e (Nascimento, 2016) serão acionados, principalmente por pesquisarem as temáticas da comunicação, ancestralidade, autoestima e subjetividade. Para compreender melhor essa conexão entre a comunicação e *Black is King* (2020) será realizada uma análise interseccional, que desenvolvi para analisar Beyoncé (Roza, 2022).

PALAVRAS-CHAVE: Beyoncé; autoestima; ancestralidade; pessoas negras; comunicação.

1. Introdução

Cresci com várias pessoas da minha família me ensinando sobre a comunicação. Comecei aprendendo *storytelling*³ e arte da oratória com minha mãe, pai, avós e avôs. Eles compartilhavam os seus famosos “causos mineiros”⁴, que chamo carinhosamente e

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, integrante da programação do 47º Congresso de Ciências da Comunicação, realizado em etapa remota de 27 de agosto a 29 de agosto de 2024. O estudo apresenta parte dos resultados obtidos na dissertação de Mestrado em Comunicação, da autora: “Beyoncé sob uma lente interseccional: uma análise das representações de mulheres negras em *Lemonade*, *Homecoming* e *Black is King*” (2022).

Além disso, dedico essa pesquisa à minha avó materna Maria (*in memoriam*) e ao meu avô paterno Jesus (*in memoriam*), ambos falecidos em 2024, mas que me ensinaram muito sobre a vida e a comunicação.

² Mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), Jornalista (Ufop), Especialista em Comunicação e Sociedade 5.0 (HSM University), formada em Liderança em Universidades da Ivy League (Harvard University, Cornell University e Dartmouth College); formada também em Equidade de Gênero: Diversidade, Equidade e Inclusão (Università degli Studi di Padova) e Marketing Social (Griffith University), e, atualmente, cursa Stakeholders e ESG (FIA Business School), email: sandraroz72@gmail.com.

³ Técnica narrativa que consiste no uso de histórias para apresentar diferentes assuntos.

⁴ “Causos” é a abreviação de “casos”, em Minas Gerais.

registro nessa pesquisa, de “*Storytelling Mineirês*”⁵. Elas consistem em histórias de vida, de experiência, sobre o cotidiano deles, desde a infância, grande parte em regiões de Minas Gerais e em Mariana.

Cada relato se tornava um filme de longa duração nas nossas imaginações. Risadas, sustos, surpresas, suspenses tornavam as emoções de uma linda tarde ensolarada, de um dia de chuva, de uma noite fria; momentos sempre acompanhados de café, bolos, entre outras comidas típicas mineiras. Enquanto aprendíamos sobre a vida, aprendíamos também a nos comunicar, a ouvir as outras pessoas, a escutar, a aguardar a nossa vez de falar.

Nesse meio, eu, uma menina muito curiosa, fui despertando o interesse pelo o que elas estavam compartilhando, fazendo perguntas e descobrindo todos os detalhes. Anos mais tarde, eu já desenvolvia histórias faladas e escritas com muita habilidade e agilidade, levando a escrita e a comunicação como hábitos diários, criativos, prazerosos e divertidos. Nascia, então, uma jornalista, a minha profissão.

Durante a minha caminhada pessoal e profissional, sempre ouvi (e ainda ouço), que não me comunico ou escrevo bem, principalmente por não ser o padrão de perfil que é esperado de profissionais da área de comunicação: uma pessoa branca (geralmente um homem branco héteronormativo), nascida nos estados do Rio de Janeiro/São Paulo, classe média alta, que cresceu realizando intercâmbios para diferentes países, entre outras características.

Percebo como isso impacta a autoestima de diferentes pessoas negras e indígenas, que possuem um potencial que vai além das padronizações, as levando a desistir da área ou se encaixarem. Assim, como a minha fonte de aprendizados foi a minha família, a nossa ancestralidade precisa ser celebrada como a nossa fonte de poder na comunicação. É como Beyoncé canta: “Encontre o seu caminho de volta, mas lembre-se de quem você é”, na música *Find Your Way Back*, do álbum *The Gift e Black is King* (2019/2020):

Papai costumava me levar pra andar pela rua. Papai costumava pegar minha mão, dizia: vem comigo. Papai costumava me levar de volta pra casa o tempo todo. Quando eu fiquei grande o suficiente pra correr por aí, papai me deixou do lado de fora. Ele disse: Encontre seu caminho de volta. O mundo é bem grande,

⁵ Histórias de vida, cotidiano e experiências de pessoas mineiras. Termo desenvolvido e registrado por pesquisadora, nessa pesquisa.

mas você dá conta, meu bem. Encontre seu caminho de volta. Não deixa esta vida te enlouquecer. Encontre seu caminho de volta. Volte para casa com as luzes da rua acesas. Encontre seu caminho de volta. Encontre seu caminho de volta. Papai costumava me dizer: Olhe pras estrelas. Já faz muito tempo, mas lembre-se de quem você é. É o ciclo da vida, mas um dia eu não talvez não sobreviva. É o ciclo da vida, mas um dia eu não talvez não sobreviva. (BEYONCÉ. **Find Your Way Back**. Los Angeles: Parkwood, Columbia Records, 2019)⁶

Além disso, a potência de “encontrar o seu caminho de volta, mas lembrando quem se é” é a essência do movimento Sankofa, sabedoria africana que “significa voltar ao passado, aprender com ele e caminhar em um futuro melhor”. (Roza, 2022, p. 22). Esse foi um dos aprendizados que usei quando decidi pesquisar Beyoncé, para me encontrar e compreender como nos conectamos na vida, no meu território e na pesquisa. Para isso, me inspirei

nos símbolos Adinkras⁷, principalmente no Sankofa⁸ (...). Há Sankofas em diversos portões e grades de ferro⁹ em Mariana e Ouro Preto (e em várias outras regiões de Minas Gerais e no Brasil), carregando ensinamentos poderosos.

Os Adinkras eram (e ainda são) ótimos exemplos de estratégias de comunicação e conexão. Como abordo em (Roza, 2022, p. 22):

Quando as pessoas negras construíram as cidades, como Mariana, elas deixaram seus conhecimentos, técnicas, histórias e comunicação em cada detalhe. Dessa forma, no momento em que temos acesso a apenas uma história, como, no caso a europeia, sobre o surgimento de um local, as chances de aprender outras formas de comunicação ou observar um símbolo Adinkra em um portão ou janela e saber da sua importância e significado, são reduzidas.

Para esse artigo, apresentarei como *Black is King (2020)*, de Beyoncé, é um álbum visual de múltiplas interpretações. Entretanto, aqui, focarei na comunicação e a relação com a ancestralidade de pessoas negras com o continente africano. O meu principal objetivo é também destacar a importância dessa relação para o

⁶ Disponível em: <https://www.letras.mus.br/beyonce/find-your-way-back/traducao.html>. Acesso em: 25 jun. 2024

⁷ “Criados pelos povos Akan, de Gana, na África, os Símbolos Adinkra primeiramente eram usados apenas em vestes de funerais para simbolizar uma personalidade da pessoa falecida. Por exemplo, se ela era resistente e perseverante, usavam-se roupas com o símbolo Aya, que é representado pela folha da samambaia por ser uma planta resistente e que nasce em qualquer lugar, até em concretos. Depois, o uso dos Adinkras foi se popularizando e se tornando presente em vários momentos e com diferentes finalidades”. (Roza, 2022, p.22)

⁸ Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/sankofa-significado-desse-simbolo-africano/>. Acesso em: 19 jul. 2021 (Roza, 2022, p.22)

⁹ (Cerqueira, 2016).

empoderamento e elevação da autoestima de pessoas negras na área da comunicação e no desenvolvimento da habilidade, em diferentes setores e nos relacionamentos pessoais.

2. Por que esquecemos de quem somos e da nossa potência ancestral?

Esquecer uma lembrança pode ser um processo natural ou intencional, por exemplo. Entretanto, quando abordamos as memórias ancestrais da população negra escravizada, no Brasil, destaca-se o esquecimento intencional, apoiado pelo Estado Brasileiro e suas múltiplas estratégias e planos para apagar, cada vez mais, essas memórias.

De acordo com Abdias do Nascimento (2016, p. 69), em 1899, o ministro das Finanças Rui Barbosa, ordenou a

incineração de todos os documentos – inclusive registros estatísticos, demográficos, financeiros, e assim por diante – pertinentes à escravidão, ao tráfico negreiro e aos africanos escravizados. Assim, supunha-se apagar a “mancha negra” da história do Brasil. Como consequência lógica desse fato, não possuímos hoje os elementos indispensáveis à compreensão e análise da experiência africana e de seus descendentes no país.

Ainda, voltando um pouco mais no passado, Aline Hernandez (2013, p. 84) contextualiza que as pessoas negras escravizadas, antes de serem levadas do continente africano, eram obrigadas a dar

voltas em torno de um baobá, a *Árvore do Esquecimento*¹⁰, para perder a memória de seus vínculos de família, língua, costumes e seu pertencimento a um lugar e uma cultura. Mas, a história demonstra que as voltas em torno ao baobá não serviram para o apagamento de memórias e histórias.

Esses dois momentos históricos influenciaram os aprendizados sobre a história da escravização, principalmente no Brasil, e, muitas vezes, podem influenciar as memórias da população negra e de suas gerações, impactando também na autoestima, subjetividade e empoderamento delas.

Além disso, é relevante destacar que numa sociedade em que, na maioria das vezes, é imposto o padrão do homem branco europeu heteronormativo, nas diferentes

¹⁰ Grifo de Aline Hernandez.

esferas de poder, como na mídia, a autoestima de pessoas negras na comunicação também é afetada, como explica Suely Santos (2016, p.73), ao apresentar que uma

série de *falsas verdades*¹¹ e falas capciosas, que geram dúvidas capazes de deturpar a subjetividade pessoal e também, a subjetividade coletiva, deixando suas vítimas inseguras e, portanto, com a autoestima muito rebaixada. Desse modo, tais falácias atacam as subjetividades das pessoas (des) configurando ou destruindo ou parcialmente os seus sistemas simbólicos, ou seja, os seus significados, valores e sentidos culturalmente originais, plantando no seu lugar, os interesses daqueles que buscam dominá-las.

“Os valores e sentidos culturais originais” são potências essenciais da ancestralidade. Esquecer deles, principalmente, devido uma sociedade que os inferioriza, assim como as nossas experiências de vida, é também esquecer de quem somos. Entretanto, é preciso retornar e encontrar a nossa potência adormecida. Esse é um dos principais convites que Beyoncé faz em *Black is King* (2020). Na trama, que referencia a história de “O Rei Leão” (2019),

um menino negro trilha a sua jornada, como Simba, de reencontro a si mesmo, para se redescobrir, afirmar como um rei e assumir o trono. Nesse processo, histórias africanas e diaspóricas entram em cena para reescrever novas narrativas e despertar as pessoas negras para um passado histórico, em que elas são realezas. (Roza, 2022, p. 224)

As narrações podem ser interpretadas de diferentes formas, mas, principalmente, elas se conectam com a vozes de ancestrais que contam para o menino quem ele era, a sua história. Podemos interpretá-la como vozes de mães, pais, avós, avôs, entre outros, compartilhando seus ensinamentos para a nova geração, como eu compartilhei esse movimento realizado pela minha família, na Introdução.

3. Metodologia

Com o objetivo de compreender melhor a conexão entre a comunicação e *Black is King* (2020), analisarei 3 trechos dele, que dialogam com a música *Find Your Way Back* e a essência de “Encontrar o caminho de volta”. São eles:

¹¹ Grifo de Suely Santos.

Cena 1: *Simba em frente a uma oca conversando com o pai/ avô;*

Cena 2: *Simba dormindo/afogando/fugindo e sendo acordado pela voz de Beyoncé;*

Cena 3: Simba se distraindo com as jóias, músicas e poder no galpão.

Para isso, aplicarei a Lente Interseccional, que desenvolvi para analisar Beyoncé (Roza, 2022). O desenvolvimento dela se deu para problematizar as diferentes questões, atravessamentos e marcadores sociais que envolvem quem pesquisa Beyoncé, por exemplo, raça, gênero, classe, território, geração, entre outros.

Todos eles podem influenciar a forma que uma pessoa analisa a cantora e os seus trabalhos, trazendo para os debates múltiplas interpretações, sem se fechar em uma 100% verdadeira ou 100% falsa. Todas são caminhos possíveis para decodificar os detalhes dos trabalhos da artista, além de codificar outros.

REFERÊNCIAS

BEYONCÉ. **Find Your Way Back**. Los Angeles: Parkwood, Columbia Records, 2019. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/beyonce/find-your-way-back/traducao.html>. Acesso em: 25 jun. 2024

Hernandez, Aline. **Histórias por escrever**: Um museu virtual sobre a influência negra na vida sociopolítica nos campos de cima da Serra. 2013. Canoas, RS. Revista DIÁLOGO, pp. 81-92. Editora UnilaSalle. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/965>. Acesso em: 24 jun. 2024

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva, 2016.

ROZA, Sandra Rita de Cássia. **Beyoncé sob uma lente interseccional: uma análise das representações de mulheres negras em Lemonade, Homecoming e Black is King**. 2022. 288 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2022. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/15165>. Acesso em: 23 jun. 2024

SANTOS, Suely Virgínia dos. **Quilombos e Educação Escolar Quilombola**: estudo introdutório sobre subjetividade e atitudes reativas às afetações psíquicas causadas pelo escravismo e racismo no Brasil. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte, MG. Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Psicologia Social da Universidade Federal de Minas Gerais. 2016. Disponível em: <https://saraus.com.br/downloads/dissertacao-suely.pdf> . Acesso em: 24 jun. 2024